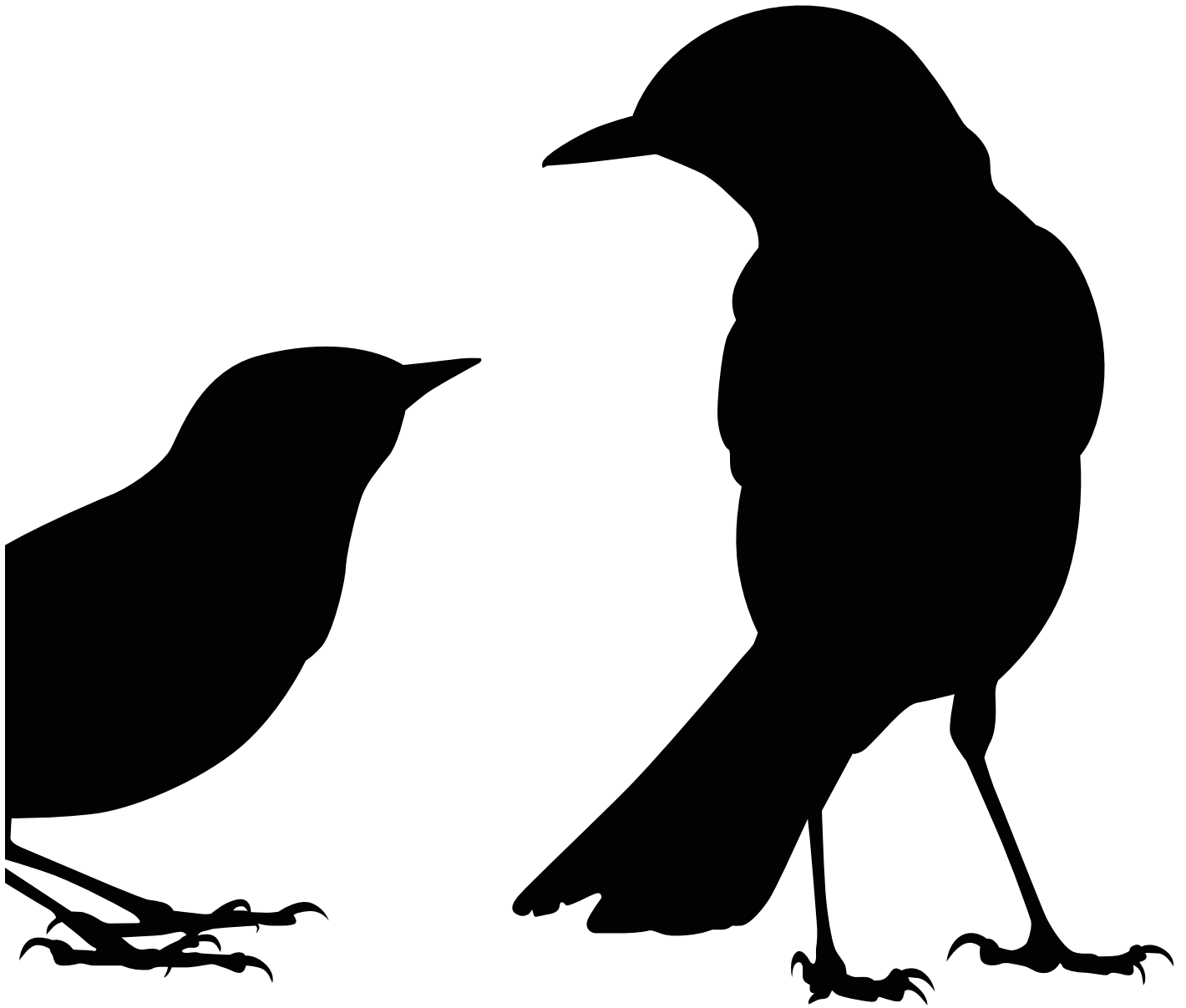


***nem corvo
nem rouxinol***

FABIANA VANZ DIAS

Penalux, 2021



da escrita

Quis escrever. Escrevi. Li e reli. Inventei significados, interpretações e metáforas e metonímias, com alguma sorte bem-sucedidas. Fiz analogias, reli, pensei nos poetas e teóricos com quem cruzei, sem sequer o saber, durante a escrita. Ainda quero escrever. Escrever o quê? Não sei. Escrever é um exercício, um esforço em tornar a língua real e quem sabe menos apartada da experiência do corpo. Quis escrever e escrevi. Quanta alegria pode surgir de saber que é possível escrever? Escrever sobre tudo, ou nada. Apenas exercitar esta possibilidade de existência por meio da palavra escrita. Enquanto escrevo, releio, então cruzo mais uma vez com diversos autores que um dia cruzei enquanto leitora. E quanta alegria pode surgir em saber-se dentro do jogo

dialético dos saberes, e dos fonemas ligando-se e desligando-se a significados? Empresto um pouco aqui e ali, empresto de todos, escritores, cantores e poetas. E então escrevo. No mais, escrever é sempre repetição, e o que garante o novo na escrita é a mão que escreve, e o corpo da experiência. Uma amiga disse. Qual palavra nunca foi dita? No entanto escrever também é edificar, algo novo? Não se sabe, nem sempre, mas a experiência é sempre da ordem do singular e do não mensurável e do não acabado. A escrita é uma experiência, encontro com o outro que é a linguagem, de forma mais consciente de que na fala... Penso que pode ser. Constitui-se então um encontro com a linguagem. No entanto, escrever e falar não são a mesma coisa. E aí mora, me parece, o segredo: escrever sem querer aparentar que escrever é falar. Engodo sustentado pelas redes sociais e algumas formas de discurso. Muitos sabem usar desse truque, “escrevo, discurso, como falo, sou espontâneo”. Eu digo não, escrever e discursar são de outra ordem, e fingir que a escrita e a fala coincidem de forma idêntica é negar o que há de particular na experiência da escrita. A mão que escreve, a releitura, as aproximações e a mediação da caneta, do papel, do teclado. Há um prazer e um desprazer da escrita que lhe são próprios. Ou seja, não se encontram alhures. Nem na fala, nem no pensamento, nem na fantasia, este lugarzinho em que o inconsciente se encontra com a realidade partilhada e o real de cada um. Me deparo, hoje, já com alguma

idade com o prazer da escrita. De enfrentar uma folha em branco, e ir vencendo até que ela se torne repleta desses rabiscos que se convencionou chamar “letras”. Quero escrever. Escrever o quê? Não sei. Então vou para o quartinho empoeirado e passo a tatear para ver onde vai dar. Escrever tornou-se mais simples, no sentido de menos “penoso” hoje. Não mais luto contra a folha em branco. Pensando “o que escrever, o que escrever...?”. Os limites da folha em branco são os limites do ato, o de escrever. E, como se sabe bem, os limites são condições da existência — penso no corpo e seus limites — mesmo que seja para quebrá-los posteriormente, é preciso percebê-los enquanto tal. Então, a folha em branco tornou-se uma aliada, tornou-se espaço. E o espaço lugar de ação. Ato-ação de idas e vindas: escrever, escrever, escrever, reler, reler, reler, escrever, reler. Dessa maneira, escrever quase (para usar esta palavra que diz tudo e não diz nada), quase se confunde com ler. No mais, quando passei a me servir da frase, hoje clássica, de Mallarmé, sobre a poesia: não se faz poesia com ideias, sim com palavras, escrever tornou-se um ato criador. Não mais a representação de um pensamento qualquer, não mais a tradução de uma bela ideia. E hoje vejo que as palavras se combinam quase naturalmente, uma puxando a outra, num fluxo em que os significantes não mais dependem inteiramente de seus significados como quando explicamos de forma pragmática algo para alguém. Ouvi dizer que quando escreveu

Madame Bovary, Flaubert quis escrever um romance sobre nada, só com estilo. Me perdoem os que mantêm objeções à noção de estilo, e, de modo algum quero comparar-me a Flaubert, mas de fato a escrita me permite juntar palavras das mais dispares sob a linearidade do papel. A partir do meu aparato singular, que é estilo. Já o texto em prosa não pode prescindir de uma certa ideia? Não sei, sei sobre Flaubert, e sei também que vou tateando, como faço agora. E no encontro com a escrita sempre surgem as referências, que hoje assimilei como minhas, pouco importa quem disse, alguém disse; e eu, eu vou redizer quantas vezes achar necessário, no texto. A morte do autor, como diria Barthes, em seu sentido mais literal. Não tenho mais medo dos diversos autores e de suas verdades, não tenho mais medo da longa história da escrita. E a língua também é um pouco minha. — A língua é minha! Quero berrar, como na primeira comunicação do bebê: o choro, lamento que quer se fazer ouvido. Contudo há um resto que não é meu, mas me habita: a potência da linguagem de ser sempre alteridade. E gozar das letras com engajamento, a fala daquele que apreendeu qualquer coisa da língua que o constitui. Poder falar é um privilégio humano, e escrever também. Tendo a pensar que a escrita é, em boa parte dos casos, um exercício de humanidade: escrever é poder ser alguém mais, ou alguém menos, mas sempre alguém novo, alguém-texto. É poder ordenar os afetos, e contornar os excessos... Deveríamos ser como os

gregos, que escreviam como parte do cuidado de si. Penso. Já que escrever é engajar-se na aventura dos significantes que nos fundam, em acordo com o vazio: folha em branco. Grande companheiro, o vazio! E da língua com a qual se implica, seja ela qual for.

I

Orvalho
de manhã.
Do bom dia
ao dia bom
Há um rasgo
por onde escorre o

r

v

a

l

h

o

suor sem trabalho
da folha e da flor.
A gratuidade da vida
desliza pelas frestas
do que é laboro.

S e m e a r

as horas que precedem
a condensação
das gotículas do ar
agora r a r e f e i t o.



E-mail

fabianavanz@gmail.com

Facebook

Fabiana Vanz Dias



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Lust Text
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2021.